



ISSN 2316-1205

TEORIAS DO MAIS-VALOR. VOLUME 1
MARX, Karl. São Paulo: Boitempo Editorial
2025. 396 p.

Teorías de la plusvalía. Volumen 1
Marx, Karl. São Paulo: Boitempo Editorial
2025. 396 p.

Theories of surplus value. Volume 1
Marx, Karl. São Paulo: Boitempo Editorial
2025. 396 p.

Editor-chefe

José Rubens
Mascarenhas

Editor-adjunto

Marcelo Nolasco

Submetido

16.04.2026

Aceito

09.07.2026

Publicado

08.09.2026

Como referenciar

SANTOS, Ariovaldo
de Oliveira; D
ESPÍRITO, Paula
Fernandes; BATISTA,
Alfredo Aparecido.
RBBA – Revista
Binacional Brasil-
Argentina, Vitória da
Conquista, v. 16, n. 1,
e19181. DOI:
10.22481/rbba.v16i1.1
9181

Ariovaldo de Oliveira Santos

Universidade Estadual de Londrina, Londrina, Paraná, Brasil
ORCID ID: <https://orcid.org/0000-0001-8071-8423>
Lattes ID: <http://lattes.cnpq.br/1391366002310803>
Endereço eletrônico: ariovaldosantos1960@gmail.com

Paula Fernandes D Espírito

Universidade Estadual de Londrina, Londrina, Paraná, Brasil
ORCID ID: <https://orcid.org/0009-0005-4573-5822>
Lattes ID: <http://lattes.cnpq.br/7004380080441463>
Endereço eletrônico: paulafernandesdespirito@gmail.com

Alfredo Aparecido Batista

Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Toledo, Paraná
ORCID ID: <https://orcid.org/0000-0001-7735-3785>
Lattes ID: <http://lattes.cnpq.br/0891927855379836>
Endereço eletrônico: comuna12@uol.com.br

Resumo

Resenha apresentando os traços gerais do livro Teorias do mais-valor, publicada pela Boitempo Editorial (2026), na qual Marx coleta uma grande quantidade de dados de teóricos da economia desde o século XVI para evidenciar como o pensamento burguês se aproximou da compreensão da extração do trabalho excedente, sem, contudo, fornecer um entendimento adequado do problema. Para Marx, o ponto de partida dessas reflexões será efetivamente dado por William Petty, no século XVI, e continuado, sob diversos matizes, por vários outros teóricos, dentre os quais se encontram como ponto culminante David Ricardo e Adam Smith.

Palavras-chave: capital; capitalismo; classes sociais.

Resumen

Reseña que presenta las características generales del libro *Teorías de la plusvalía*, publicado por Boitempo Editorial (2026), en el que Marx recopila una gran cantidad de datos de teóricos económicos desde el siglo XVI para demostrar cómo el pensamiento burgués abordó la comprensión de la extracción de plusvalía, sin llegar, sin embargo, a ofrecer una comprensión adecuada del problema. Para Marx, el punto de partida de estas reflexiones lo proporciona William Petty en el siglo XVI, y continúa, con diversos matices, con otros teóricos, entre los que destacan David Ricardo y Adam Smith.

Palabras-clave: capital; capitalismo; clases sociales

Abstract

Review presenting the general features of the book *Theories of Surplus Value*, published by Boitempo Editorial (2026), in which Marx collects a large amount of data from economic theorists since the 16th century to demonstrate how bourgeois thought approached the understanding of the extraction of surplus labor, without, however, providing an adequate understanding of the problem. For Marx, the starting point of these reflections will effectively be given by William Petty in the 16th century, and continued, under various nuances, by several other theorists, among whom David Ricardo and Adam Smith are the culminating points.

Keywords: capital; capitalism; social classes.

Introdução

Após mais de quatro décadas ausente das prateleiras das livrarias do país, a Boitempo Editorial republicou, em 2025, o importante estudo de Marx, que tem por título geral *Teorias do mais-valor*. A primeira tradução da referida obra, no Brasil, realizada por Reginaldo Sant'Anna, e publicada pela Editora Difel, data do período que se estende de 1981 a 1985, encontrando-se o conjunto de escritos (três volumes, no total), esgotado há muito tempo. Graças à edição da Difel se tornou possível, ao público brasileiro, entrar em contato com os estudos preliminares de Marx que, a exemplo dos *Grundrisse* (S.P., Boitempo Editorial, 2011), serviram de base para a redação da obra maior de Marx, isto é, *O Capital*, este, disponível em português em diversas edições. Para além da publicação realizada pela Difel, o caminho mais acessível, até então, para a leitura dos manuscritos de Marx sobre o mais-valor, eram as edições francesa, em três volumes (*Theories sur la plus-value*, Paris, Éditions Sociales, 1974) e a mexicana,

também em três tomos (Teorias sobre la plusvalia (México, Fondo de Cultura Económica, 1980).

Conforme informações da Boitempo Editorial, responsável pela republicação dos escritos marxianos, desta vez sob o título de Teorias do mais-valor (2025), a estrutura de três volumes será seguida, de modo a retomar a originalidade do “vasto conjunto de Manuscritos que Karl Marx produziu entre 1861 e 1863, distribuídos em 23 cadernos” (Marx, 2025, pág. 8). Atenta ainda, a atual edição, que a publicação dos três volumes será distinta da edição original dos textos, realizada sob os cuidados de Karl Kautsky, no início do século XX, uma vez que naquela, sempre de acordo com as notas preliminares da Boitempo, se realizaram “intervenções editoriais” que “fizeram desaparecer conexões precisas das ideias presentes na composição original”, além de que “a organização de Kautsky tampouco atendeu aos critérios de rigor próprios de uma edição científica” (Marx, 2025, pág. 9).

Pesem as discussões sobre a quem pertence a legitimidade da tradução mais correta ou do ordenamento preciso do texto, fato característico de disputas no campo editorial e acadêmico, o que se faz necessário destacar, aqui, é que o leitor interessado em estudar a obra marxiana encontrará, no volume primeiro de Teorias do mais-valor, assim como nos subsequentes, preciosos elementos para melhor compreender O Capital, bem como categorias de análise no debate que Marx então estabeleceu, fundamentalmente, com diversos teóricos que, desde o século XVI, se debruçaram a entender de onde provinha a riqueza social e, mais particularmente, o mais-valor, o trabalho excedente não pago.

Deste modo, o que o leitor encontrará neste primeiro volume de Teorias do mais-valor da Boitempo? Inicialmente, um extenso debate de Marx no qual, partindo do reconhecimento de que William Petty (1623-1687) é o fundador da “moderna economia política”, se avança, progressivamente, para a compreensão do legado teórico dos fisiocratas, com seus avanços e limites, confinados pelo próprio tempo histórico no qual desenvolveram suas investigações. Para Marx, William Petty e os teóricos abrangidos no leque da fisiocracia lançaram as bases de entendimento da nascente economia burguesa, ainda essencialmente agrária, naquele período. Assim, dirá Marx:

A análise do *capital*, dentro do horizonte burguês, coube essencialmente aos fisiocratas. É esse mérito que os torna os pais autênticos da economia moderna. Em primeiro lugar, a análise dos diversos *componentes objetivos* nos quais o capital existe e se decompõe durante o processo de trabalho [...] Além dessa análise dos elementos objetivos em que o capital existe no processo de trabalho, os fisiocratas determinam as formas que o capital assume na circulação (capital fixo, capital circulante, embora também usem nomes diferentes) e em geral a ligação entre processo de circulação e processo de reprodução do capital (Marx, 2025, p. 42).

Seguramente, os fisiocratas, diante de um modo de produção capitalista ainda embrionário, e de uma sociedade feudal em declínio, encontravam dificuldades para extrair a compreensão mais plena possível das estruturas sociais em formação e seus mecanismos de funcionamento. Contudo:

os fisiocratas não podem ser censurados por, como todos os seus sucessores, conceberem como capital [...] instrumentos, matérias-primas, etc. separados das condições em que aparecem na produção capitalista, em suma, na forma em que são em geral elementos do processo de trabalho, independentemente de sua forma social, e assim fazerem da forma capitalista da produção uma forma natural eterna” (Marx, 2025, p. 42).

Seguindo procedimento metodológico peculiar a seus estudos, Marx situa historicamente àqueles que procuraram compreender o que era a nova sociedade que estava emergindo com o desmoronamento do modo de produção feudal, resgatando, neste processo, elementos embrionários de compreensão do mais-valor em autores pouco de pouca visibilidade, como Charles Davenant (1656-1714), Dudley North (1641-1691), Joseph Massie (????? – 1784), bem como outros de conhecimento mais familiar ao público nacional como é o caso de John Locke (1632-1704), David Hume (1711 – 1776) e James Steuart (1712-1780). Com relação a este último, observa, por exemplo:

Antes dos fisiocratas, o mais-valor – isto é, o lucro, na figura de lucro – era explicado puramente a partir *da troca*, da venda de mercadorias acima de seu valor. Sir James Steuart, de modo geral, não ultrapassou essa estreiteza de divisão e deve ser considerado seu reproduzidor científico. Digo reproduzidor “científico”. Steuart não compartilha da ilusão de que o mais-valor obtido pelo capitalista individual pela venda da mercadoria acima de seu valor seja criação de nova riqueza (Marx, 2025, p. 40)

Marx insiste, em vários momentos, no reconhecimento de que o pouco desenvolvimento da sociedade burguesa, ainda presa em suas origens aos resquícios do modo de produção feudal, não impediram aos fisiocratas de se debruçar sobre a questão da origem da riqueza, e, por este caminho, encontrarem a categoria trabalho, ainda que reconhecessem, em geral, que a terra era o ponto central a ser contemplado. Desse modo, para os fisiocratas, o “trabalhador da manufatura” não aumentava “a matéria”; apenas alterava “a sua forma”. Assim, para “os fisiocratas, o trabalho agrícola é, portanto, o único *trabalho produtivo*, porque é o único trabalho que cria *mais-valor*, e a *renda fundiária* é a *única forma de mais-valor* que conhecem (Marx, 2025, pág. 44).

O leitor poderá encontrar no primeiro volume de Teorias do mais-valor a extensa análise que Marx realiza sobre a reprodução e circulação do capital total da sociedade segundo o Quadro econômico (pág. 319 a 351), de François Quesnay (1694-17874). No entanto, neste primeiro volume de Teorias do mais-valor, Marx não se limita ao estudo dos fisiocratas. Avança, também, no sentido de colocar em evidência como esta corrente de pensamento econômico influenciou teóricos posteriores, como é o caso de Adam Smith, que, em muitos aspectos, no estudo A riqueza das nações (1983), superou os limites da fisiocracia. Para Marx, “A. Smith, como todos os economistas dignos de relevância, aceita dos fisiocratas o salário médio, que ele chama de preço natural do salário”. Ou seja, nos dizeres do próprio Smith:

O homem sempre precisa viver de seu trabalho, e seu salário deve ser suficiente, no mínimo, para sua manutenção, ou mesmo algo mais, na maioria das vezes; de outra forma seria impossível para ele sustentar uma família e os trabalhadores não poderiam ir além da primeira geração” (Marx, 2025, p. 67).

Contudo, ainda que Smith, em A riqueza das nações, se mostre “bastante contaminado pelas ideias da fisiocracia”, de tal modo que em sua obra, não raras vezes, compareçam “extratos inteiros [...] que pertencem aos fisiocratas e que contradizem completamente os pontos de vista que ele mesmo estabeleceu”, necessário é reconhecer que estas referidas “partes de seus escritos [...] não o caracterizam” como um fisiocrata e, sim, apontam para esforços de superação desta forma de pensamento. Para Marx, a

confusão de determinações bastante heterogêneas não interferem nas investigações de Smith sobre a natureza e a origem do mais-valor, porque, de fato, mesmo sem saber disso, onde quer que se desenvolva suas ideias, ele adere à determinação correta do valor de troca das mercadorias, ou seja, à sua determinação pelo *quantum* de trabalho ou tempo de trabalho nelas empregado” (Marx, 2025, p. 68 a 69).

Em Teorias do mais-valor, primeiro volume, Marx recorre, em vários momentos, a breves notas de autores anteriores a Adam Smith, com a finalidade de apontar para como tiveram a intuição correta sem, contudo, aprofundá-las. Este é o caso, por exemplo, de dois escritos de Jacques Necker (1732 – 1804): Sobre a legislação e o comércio de grãos (*Sur la législation et le commerce des grains*) e Da administração das finanças da França (*De l'administration des finances de la France*). De acordo com Marx, esses estudos evidenciam “como o desenvolvimento das forças produtivas do trabalho [...] contribuiu para que o trabalhador precise de *menos tempo* para produzir seu próprio salário, ou seja, *trabalhe mais tempo* para seu empregador *sem ser pago*”. Porém, mesmo se aproximando da discussão do

mais-valor, a investigação não vai ao fundo da questão do mais-valor posto que o interesse de Necker era outro:

[...] o que o preocupa essencialmente não é a transformação do trabalho em si em capital e a acumulação de capital por esse processo, mas sim o desenvolvimento geral da oposição entre a pobreza e riqueza, entre pobreza e luxo, na medida em que, da mesma forma que um pequeno *quantum* de trabalho é suficiente para produzir os meios de subsistência necessários, uma parte do trabalho torna-se progressivamente excedente e pode, portanto, ser usada para a produção de artigos de luxo, em outra esfera de produção” (Marx, 2025, pág. 316).

As notas mais breves não excluem nem mesmo autores de perfis essencialmente conservadores ou reacionários, na medida em que estes, inconscientemente, trouxeram à tona questões de interesse para a compreensão do mais-valor. É o caso, por exemplo, de Linguet:

Sua polêmica contra os ideais liberais-burgueses de seus contemporâneos do Iluminismo, contra do domínio nascente da burguesa, se reveste de uma pretensão reacionária, em parte séria, em parte irônica. Ele defende o despotismo asiático contra as formas de despotismo europeias civilizadas; portanto, defende a escravidão contra o trabalho assalariado (Marx, 2025, pág. 352).

Mas, curiosamente, buscando contestar aos fisiocratas, Linguet traz à tona dimensões das relações de exploração que começavam a se constituir. Assim, para Linguet,

[...] a natureza cativa deixou de oferecer [...] recursos fáceis para o sustento” da vida. Os pobres só podem sobreviver mediante um “trabalho: “obstinado” enquanto “os ricos”, que se apossaram dos recursos naturais sob a forma de propriedade privada, só permitem que “a menor parte” da riqueza, “retorne para a comunidade” (Marx, 2025, pág. 352).

A diversidade de economistas contemplados não se sobrepõe, contudo, com suas contribuições esparsas, aos esforços mais sistematizados presentes em dois grandes clássicos da economia política: Adam Smith (1723 – 1790) e David Ricardo (1778 – 1823). A eles Marx volta prioritariamente sua atenção, reconhecendo, nestes dois economistas, a presença de uma análise mais minuciosa sobre a origem da riqueza na sociedade capitalista e, portanto, do mais-valor. No caso de Adam Smith, desperta o interesse de Marx a maneira como o autor de A riqueza das nações procurou investigar a relação entre trabalho produtivo e trabalho improdutivo e, no interior desta questão, “a determinação do valor pelo trabalho” e, portanto, a origem do mais-valor. O mesmo interesse ocupa grande parte do primeiro volume no que se refere à obra de David Ricardo e sua teoria da renda do solo.

Atente-se para que em Teorias do mais-valor, seja no primeiro volume quanto nos demais, os teóricos socialistas encontram-se deliberadamente ausentes das análises propostas por Marx. A finalidade, naquele momento dos estudos, era apenas colocar em evidência como os economistas burgueses criticavam,

[...] em parte a si mesmos, em parte as formas historicamente decisivas nas quais as leis da economia política foram enunciadas pela primeira vez e desenvolvidas posteriormente. Portanto, excluo da consideração do mais-valor autores do século XVIII como Bissot, Godwin etc., assim como os socialistas e comunistas do século XIX. Os poucos autores socialistas aos quais me referirei neste panorama assumem o ponto de vista da economia burguesa ou se opõem a ela a partir de seu próprio ponto de vista” (Marx, 2025, p. 351).

Dos elementos destacados vê-se, pois, a riqueza do material com o qual Marx trabalhou e que resultariam, posteriormente, no seu insuperável estudo, isto é, O Capital. Etapa preliminar da compreensão materialista da história em geral, e da conformação da sociedade burguesa, em particular, Teorias do mais-valor é leitura obrigatória para todos aqueles que buscam se apossar de conhecimentos teórico-práticos da obra marxiana, os quais constituem, ainda hoje, o calcanhar de Aquiles dos economistas burgueses que, desviando-se ao negando a teoria do valor-trabalho, se refugiam, cada vez mais, no campo subjetivo do valor-utilidade” e do desenvolvimento de uma sociedade capitalista sem contradições internas

Referências

- MARX, Karl, Grundrisse, S.P., Boitempo Editorial, 2011.
- MARX, Karl, O capital, 5 vols., S.P., Nova Vultural, 1981, 1985; 1986.
- MARX, Karl, Teorias da mais-valia, 3 vols. R.J., Difel Editora, 1981;1983;1985.
- MARX, Karl, Teorias do mais-valor, vol. 1, S.P., Boitempo Editorial, 2025.
- MARX, Karl, Teorias sobre la plusvalia, 3 vols., México, Fondo de Cultura Económica, 1980.
- MARX, Karl, Théories sur la plus-value, Paris, Éditions Sociales, 1974.